

PARA ALÉM DE PSICOBABOSEIRA: UMA DEFESA DA PSICOLOGIA CLÍNICA LAICA E ÉTICA

BEYOND PSYCHOBABBLE: A DEFENSE OF SECULAR AND ETHICAL CLINICAL PSYCHOLOGY

MÁS ALLÁ DE PSICOBABOSEIRA: UNA DEFENSA DE LA PSICOLOGÍA CLÍNICA LAICA Y ÉTICA

Ararê Dias Calia¹
Felipe Suster Gomes Fonseca²

RESUMO: Esta resenha analisa criticamente a obra PsicoBaboseira, de Richard L. Ganz, que defende o aconselhamento bíblico como alternativa - superior - à psicoterapia e às abordagens psicológicas. O autor sustenta que o sofrimento humano decorre, sobretudo, do afastamento de Deus, de modo que a restauração plena somente seria possível por meio da conversão, da obediência às Escrituras e do aconselhamento bíblico. Além disso, questiona a diversidade teórica da Psicologia, argumentando que a psicoterapia tende a enfraquecer a responsabilidade moral do indivíduo ao atribuir seus problemas a fatores ambientais, familiares ou inconscientes. Esta resenha tem por objetivo apresentar criticamente os principais argumentos desenvolvidos por Ganz, examinando suas implicações para a prática clínica psicológica e para o diálogo entre Psicologia e religião no contexto brasileiro. Argumenta-se que a Psicologia, enquanto ciência e profissão regulamentada, fundamenta-se na laicidade, no compromisso ético e no respeito à diversidade religiosa, possibilitando o diálogo com diferentes crenças sem substituir a intervenção clínica por propostas confessionais. Conclui-se que, embora PsicoBaboseira seja relevante para compreender os pressupostos do aconselhamento bíblico contemporâneo, sua contribuição para a Psicologia Clínica é limitada, sendo seu principal mérito evidenciar as tensões históricas entre determinadas concepções religiosas e o conhecimento psicológico, mais do que oferecer contribuições efetivas para a prática clínica científica.

Palavras-chave: Psicologia clínica. Religião. Psicoterapia. Epistemologia da Psicologia. Laicidade.

¹Graduado pela Universidade Paulista - UNIP. Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atua como clínico orientador/supervisor. Professor Titular no curso de Formação de Psicólogos da Universidade Paulista - UNIP. Pesquisa aspectos relacionais entre fenomenologia, hermenêutica, psicologia, análise, formação de psicólogos, clínica psicológica, religiões não-hegemônicas, religião, espiritualidade e religiosidade. Pesquisador/colaborador do grupo de pesquisa certificado PUC-SP/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) "Estudo e Pesquisa das Práticas Clínicas em Psicologia: Pressupostos, Transformações e Interfaces". Membro fundador do Encruza Instituto de Psicologia e Pesquisa.

²Graduado em Psicologia pela PUC-SP. Mestre e doutor em Psicologia Clínica (núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica) também pela PUC-SP. Atua como Supervisor e Psicólogo Clínico. Pesquisa sobre bases epistemológicas da psicologia, fenomenologia e hermenêutica; História da psicologia; diálogo entre método fenomenológico-hermenêutico e psicoterapia na clínica psicológica. Pesquisador/colaborador do grupo de pesquisa certificado PUC-SP/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) "Estudo e Pesquisa das Práticas Clínicas em Psicologia: Pressupostos, Transformações e Interfaces".

ABSTRACT: This review critically examines Psychobabble, by Richard L. Ganz, which advocates biblical counseling as a superior alternative to psychotherapy and contemporary psychological approaches. The author argues that human suffering primarily results from separation from God and that genuine restoration can only be achieved through conversion, obedience to Scripture, and biblical counseling. Furthermore, Ganz challenges the theoretical diversity of psychology, claiming that psychotherapy tends to undermine individual moral responsibility by attributing psychological difficulties to environmental, familial, or unconscious factors. This review aims to critically analyze Ganz's main arguments, examining their implications for clinical psychological practice and for the dialogue between psychology and religion in the Brazilian context. It argues that psychology, as a scientific discipline and regulated profession, is grounded in secularism, ethical commitment, and respect for religious diversity, thereby enabling dialogue with different belief systems without replacing clinical intervention with confessional practices. The review concludes that, although Psychobabble is relevant for understanding the assumptions of contemporary biblical counseling, its contribution to clinical psychology is limited. Its primary value lies in highlighting the historical tensions between certain religious conceptions and psychological knowledge rather than offering substantial contributions to evidence-based clinical practice.

Keywords: Clinical Psychology. Religion; Psychotherapy. Epistemology of Psychology. Secularism.

RESUMEN: Esta reseña analiza críticamente la obra PsicoBaboseira, de Richard L. Ganz, que defiende el asesoramiento bíblico como una alternativa superior a la psicoterapia y a los enfoques psicológicos contemporáneos. El autor sostiene que el sufrimiento humano se deriva, principalmente, del alejamiento de Dios y que la verdadera restauración solo puede alcanzarse mediante la conversión, la obediencia a las Escrituras y el asesoramiento bíblico. Además, cuestiona la diversidad teórica de la Psicología, argumentando que la psicoterapia tiende a debilitar la responsabilidad moral del individuo al atribuir sus problemas a factores ambientales, familiares o inconscientes. Esta reseña tiene como objetivo presentar un análisis crítico de los principales argumentos desarrollados por Ganz, examinando sus implicaciones para la práctica de la psicología clínica y para el diálogo entre la psicología y la religión en el contexto brasileño. Se sostiene que la Psicología, como disciplina científica y profesión regulada, se fundamenta en la laicidad, el compromiso ético y el respeto por la diversidad religiosa, lo que hace posible el diálogo con diferentes creencias sin sustituir la intervención clínica por propuestas confesionales. Se concluye que, aunque PsicoBaboseira resulta relevante para comprender los presupuestos del asesoramiento bíblico contemporáneo, su contribución a la Psicología Clínica es limitada. Su principal valor radica en poner de manifiesto las tensiones históricas entre determinadas concepciones religiosas y el conocimiento psicológico, más que en ofrecer aportes sustanciales a la práctica clínica científica.

Palabras clave: Psicología clínica. Religión. Psicoterapia. Epistemología de la Psicología. Laicidad.

INTRODUÇÃO

As resenhas científicas são contemporâneas à própria produção científica. Em nossa compreensão, assumem um papel essencial ao possibilitarem a análise, a interpretação e a

avaliação das ideias apresentadas em uma obra, favorecendo a ampliação do debate científico para além do texto original. Nesse sentido, Ultramari e Jazar (2015), defendem que o desenvolvimento da ciência depende da continuidade desse diálogo crítico e da constante revisão das ideias, e não apenas da publicação de novos estudos.

Nosso objetivo é apresentar criticamente os principais argumentos desenvolvidos por Richard Ganz, examinando suas implicações para a prática clínica psicológica e para o diálogo entre Psicologia e religião no contexto brasileiro. Para tanto, articularemos nossas reflexões a partir do texto *Psicobaboseira*, traduzido em 2024 para o português, e de outros autores e resoluções Brasileiras.

RESENHA

Richard L. Ganz, criado em um lar judaico na cidade de Nova York, formou-se em Psicologia pela City University of New York e, posteriormente, obteve mestrado e doutorado em Psicologia Clínica pela Wayne State University. Após um estágio no Departamento de Psiquiatria do Wayne State University Medical Center, em Detroit, completou estudos de pós-doutorado em Psiquiatria Infantil no Upstate Medical Center, em Syracuse, onde integrou o corpo docente clínico do Departamento de Psiquiatria e também lecionou na Syracuse University. Influenciado pelo grupo L'Abri e pelas obras do Dr. Jay Adams, sua conversão ao catolicismo foi seguida de formação em teologia no Westminster Theological Seminary, onde obteve o título de Master of Divinity. Abandonando a psicanálise, passou a atuar como pastor sênior da Ottawa Reformed Presbyterian Church e presidente do Ottawa Theological Hall, contribuindo como professor de Psicologia Bíblica e Aconselhamento.

Ganz ganhou notoriedade no meio protestante contemporâneo dos Estados Unidos, sobretudo com obras como *Psicobaboseira* (Psychobabble), que aqui daremos atenção.

Publicado originalmente nos anos noventa, o livro chega ao público brasileiro – de forma mais incisiva – em 2024, intensificando a tensão entre o saber científico da psicologia (especialmente na prática clínica psicoterapêutica) e a experiência religiosa enquanto estilo de vida. A tese de Ganz apoia-se em uma leitura complexa da atividade do trabalho psicológico clínico, aliada à mensagem do evangelho. Para o autor, o homem moderno, imerso na secularização, apoia-se excessivamente nas técnicas do mundo científico (que, por conseguinte, se opõem à fé) para mitigar seu sofrimento, decorrente do afastamento dos ensinamentos de Cristo, ao invés de assumir a teurgia e a consagração que a prática religiosa propicia.

Ao assumir uma postura que imiscui a de pregador e a de psicoterapeuta, Ganz organiza sua argumentação intercalando relatos de seu percurso profissional e de fé. Em um momento culminante, defende que somente a razão religiosa atinge o ápice da cura da alma – isto é, através da conversão e da assunção dos dogmas religiosos, únicos caminhos para a salvação. Em outras palavras, *Psicobaboseira* representa uma pregação que pretende substituir os paradigmas dos saberes psicológicos modernos por uma retórica fundamentada na Palavra de Deus.

O autor enfatiza a relevância do aconselhamento bíblico como alternativa eficaz e abrangente aos modelos psicoterapêuticos seculares³. Sua pretensão é evidenciar as limitações das teorias científicas vigentes, apresentando um embasamento bíblico sólido para o aconselhamento cristão. Nesse contexto, os cristãos são conclamados a se equiparem com as ferramentas necessárias para oferecer um cuidado pastoral de qualidade, alinhado aos princípios bíblicos e inserido no horizonte da edificação do saber psicológico e clínico norte-americano.

O autor defende algo como o que ficou conhecido como um psicólogo-cristão ou uma psicologia-pregadora proselitista. Em sua argumentação, Ganz define conceitos como “psicologia bíblica”, “estudo da alma” e “teologia” (o estudo de Deus), mas não se dispõe a oferecer definições para termos fundamentais como psicologia, psicoterapia e psicologia clínica. Ao invés disso, critica o amálgama presente em concepções teóricas psicologistas, sugerindo que a dificuldade em se conceber uma razão suficiente para o conhecimento psicológico justificaria a migração para uma prática de intervenção baseada na fé, isto é, o aconselhamento bíblico. O autor, então, provoca afirmando que, apesar da diversidade de teorias na psicologia e a falta de um “consenso a respeito dos seres humanos” (p. 34), há uma exceção crítica: crê-se que as pessoas estão livres de Deus” (Ganz, 2024, p. 34).

4

Esses profissionais ao menos concordam com sua definição de humanidade? A resposta é surpreendente. A psicologia clínica não chega a nenhum consenso a respeito dos seres humanos — com uma exceção crítica: crê-se que as pessoas estão livres de Deus. À parte dessa exceção, existem tantas teorias sobre a natureza humana quantos profissionais de aconselhamento. [p. 34]

O que fica de fora da compreensão do autor é a possibilidade de o ser humano existir não sendo simétrico e igual entre si, mas resguardando aspectos símiles. Humanidade pode ser compreendida como a reunião de características particulares aos seres-humanos. Particular, entretanto, não é sinônimo de homogêneo. Pensando a partir dos pressupostos do autor, Adão

³A palavra em inglês Laica pode ser traduzida como secular. Aceitamos ambas as definições de secular nessa revisão, quais sejam, tanto as epistemologias das ciências psicológicas quanto seu caráter laico.

e Eva tinham até nomes diferentes. Humano, por sua vez, é a definição concernente à diferenciação entre as muitas espécies que vivem no planeta. Mas o que viria a *ser* humano? É disso que também a psicologia se ocupa e sua resposta não pode ser universal. Cada um vive sendo quem é, com suas proximidades e diferenciações.

Mas é justamente nesse não entendimento sobre a ‘imagem e *semelhança*’ de Deus que Ganz confunde suas exposições sobre a ciência psicológica. O autor propõe então uma crítica à ausência de rigor na consolidação das estratégias terapêuticas. Se não há consenso acerca da estratégia adotada pelos psicólogos clínicos, dada a miríade de abordagens teóricas que capturam diferentes recortes da experiência humana, tampouco os conselheiros bíblicos, estritamente protestantes, disporiam de um fio condutor sólido para suas intervenções. Nesse sentido, o autor argumenta que os conceitos da psicanálise, por exemplo, e suas variantes seculares se opõem à Palavra de Deus e defende que a igreja confie na liderança pastoral para guiar e restaurar seus membros.

Além disso, Ganz justifica que a psicoterapia, ao se dedicar à investigação das origens comportamentais para facilitar a autoconsciência e a compreensão pessoal, acaba – paradoxalmente – minando a responsabilidade individual. Ao atribuir a etiologia dos comportamentos a fatores externos, como a criação, o ambiente, traumas infantis ou impulsos inconscientes (referindo-se à abordagem freudiana), o autor defende que essa perspectiva ————— 5 —————
legitima uma postura vitimista. Dessa forma, os pacientes são isentos de responsabilidade por suas ações e incentivados a buscar, no passado, as causas de seus comportamentos atuais, prolongando um ciclo de dependência terapêutica que impede o desenvolvimento de estratégias para a mudança comportamental no presente.

Parece-nos, nesse ponto, que o texto apresenta uma mixórdia compreensiva sobre o próprio alcance das psicoterapias. Em que pese a teoria Freudiana estabelecer-se com conteúdos psíquicos sobre o inconsciente, a pedra angular da psicanálise é a teoria do recalque (ou repressão) (Freud, 1914/1996). É a operação psíquica de defesa onde desejos ou conflitos inconscientes inaceitáveis são empurrados para longe do consciente, sendo a base fundamental para a formação dos sintomas nas neuroses. A análise atua, justamente, na possibilidade de o indivíduo rever sua história, os conteúdos manifestos, latentes e poder, a seu modo, ressignificar seu próprio sofrimento. Não há isenção de responsabilidades, mas implicação consciente sobre quem se é e sobre as próprias possibilidades que cada um possui em seu horizonte e historiografia.

Ademais, Ganz sugere que o encontro terapêutico só seria realmente eficaz se o psicoterapeuta compartilhasse a mesma fé do paciente – sobretudo se este for religioso. Para ele, o aconselhamento bíblico superaria, de forma integral, a proposta clínica envolta na ciência psicológica. Nesse sentido, o autor denuncia que a psicoterapia deixou de ser uma ciência do comportamento para se transformar numa ‘religião moderna’, onde o psicólogo assume papéis tradicionalmente reservados à autoridade divina. Calia (2024; 2025), no entanto, expõe sobre o encontro psicoterapêutico como possibilidade de interlocução de saberes - científicos e religiosos. Curioso notar que o autor pesquisou as religiões não-hegemônicas, e, em suas reflexões, percebe-se a dificuldade que psicólogos, com a mesma profissão de fé de seus atendidos, encontram no manejo clínico, pelo próprio caráter não normativo das religiões matriciais afro-indígenas, pela laicidade como pedra angular da prática psicológica e pela falta de aporte formativo em relação a essa temática no Brasil.

Fica subentendido que a proposta da psicoterapia – que Ganz denomina secular – somente poderia ser realizada na totalidade pelo aconselhamento bíblico, de modo que o tratamento psíquico ou anímico seria efetuado exclusivamente através da evangelização. Não obstante, de acordo com Calia (2024; 2025), tal generalização não faz parte de uma psicologia científica rigorosa e humana.

Mas Ganz (2024), continua. Para ele, a doutrina bíblica postula que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, dotado de uma natureza moralmente íntegra e de um desejo inato de comunhão com o Divino. Contudo, a presença do pecado no mundo – manifestada, essencialmente, na alienação do homem em relação ao seu Criador – constitui um enigma teológico de profunda complexidade. A narrativa da queda de Adão, utilizada como paradigma por Ganz, ilustra a irrupção do mal em um cosmos originalmente bom, desafiando a compreensão humana e ressaltando que o pecado, enquanto transgressão da lei moral divina, representa uma contradição radical ao caráter santo e perfeito de Deus. Assim, ao pecar, o indivíduo não só confirma a realidade do pecado como condição humana, mas também rejeita a graça divina – única via de reconciliação com Deus e restauração de sua natureza original. Nesse contexto, o autor conclui que “A única base pela qual pastores e psicólogos deveriam falar sobre restauração ou cura é com relação ao sacrifício de Cristo” (Ganz, 2024, p. 59), numa retórica que funde propostas distintas e, ao fazê-lo, acaba por deixar de lado a *totalidade do Divino* em favor de uma *centralização no eu ou na coletividade*.

Diante disso, o autor propõe uma avaliação moral fundamentada na escritura, acompanhada de uma imaginação abstrata sobre como agir diante de valores transcendentais preestabelecidos por uma doutrina dogmática específica, afirmando que “O aconselhamento bíblico é mais amplo que o alívio de problemas e a mudança de personalidade” (Ganz, 2024, p. 60).

No contexto do arcabouço histórico-epistemológico da psicologia norte-americana, tais elucubrações podem encontrar algum eco, mesmo que atenuado pelo marcante viés protestante do autor. Entretanto, para a psicologia brasileira – cuja estruturação teve início nas escolas de medicina, no primeiro quartel do século XX, e se consolidou com uma trajetória própria de regulamentação profissional – os modelos de aconselhamento e psicoterapia apresentados por Ganz revelam-se, na prática, pouco relacionados (Calia e Bassani, 2025). De fato, embora haja uma antiga e pouco produtiva disputa entre os saberes psicológicos e religiosos na história do Brasil, atualmente percebe-se uma abertura para o diálogo entre essas áreas, sem que se recorra a proselitismos ou apostasias, em virtude da malha cultural heterogênea e da diversidade de expressões de fé que coexistem (Calia, 2024).

Além disso, essa posição entra em tensão direta com o Código de Ética Profissional do Psicólogo. O Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2005) estabelece que o trabalho psicológico deve se fundamentar no respeito à liberdade, à dignidade, à igualdade e à integridade humana, além de promover saúde e qualidade de vida sem discriminação ou opressão. Assim, a escuta psicológica pode acolher a religiosidade do sujeito como dimensão significativa de sua existência, mas não pode convertê-la em norma universal de tratamento.

Outro ponto, que entendemos problemático, em Ganz é a transformação de uma doutrina religiosa específica em critério de cura. Ressaltamos, como psicólogos, a postura marginalizante e pre-conceituosa que permeia todo o escrito, tendo alarmante apoteose no capítulo “Quando o cristianismo não funciona”

Eu era cristão havia menos de um mês quando Harry veio me ver. Ele me contou uma história sinistra de diversas aventuras homossexuais que manteve enquanto viajava no circo como acrobata. Ele descreveu sua conversão para mim, e pude me alegrar com sua libertação do pecado - ou assim pensei. O que realmente surgiu não foi uma história de libertação, mas uma narrativa de reclamação. Ele reclamou que o cristianismo não funcionou para ele. Perguntei o que Harry quis dizer. Ele me disse que embora não praticasse a homossexualidade desde que se tornou cristão, vários meses antes, seu interesse, ou desejo, pela homossexualidade também não diminuiu. Ele me disse que não poderia continuar cristão se esses sentimentos não fossem eliminados. Harry esperava que Cristo eliminasse seu desejo de contato com Pessoas do mesmo sexo. Como isso não aconteceu, Harry decidiu que ele era o exemplo do caso em que o cristianismo não funcionou. [...] Felizmente, aprendi muito além desse ponto. Percebi

que a glória da nossa fé não consiste na ausência do desejo de pecar, e sim: na desnecessidade de agir de acordo com esse desejo. Também aprendi que Deus nos deu o poder de dizer não ao pecado... [Ganz, 2024, pp. 109-110].

O Código de Ética veda ao psicólogo induzir convicções religiosas, morais, ideológicas ou de qualquer natureza no exercício profissional (CFP, 2005). Desse modo, quando Ganz propõe que o sofrimento humano seja compreendido prioritariamente como afastamento de Deus, desloca-se da clínica para uma prática pastoral, legítima em seu próprio campo, mas incompatível com a Psicologia enquanto profissão regulamentada, científica e laica.

Como fonte de informação, expomos o Art. 2º do Código de Ética;

Art. 2º– Ao psicólogo é vedado:

- a) Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão;
- b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais.

[CFP, 2005, p. 09]

Compreendemos que a crítica de Ganz à diversidade teórica da Psicologia ignora que, no Brasil, essa pluralidade não significa ausência de rigor, mas exige responsabilidade técnica, ética e científica, mesmo com as lacunas formativas que ainda existem (Calia, 2025).

É-nos claro que o CFP determina ao psicólogo a prestação de serviços de qualidade, utilizando conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional. Portanto, a multiplicidade de abordagens clínicas não autoriza sua substituição por um aconselhamento religioso, especialmente quando este se apresenta como verdade única.

Por fim, a afirmação de Ganz de que a Psicologia e seus constructos clínicos seriam “inerentemente opostos à Palavra de Deus” (Ganz, 2024, p. 31) é contestada. Ser laico não significa ser anti-cristão, mas sim ter a capacidade de acolher, com o devido respeito, diferentes manifestações religiosas – afinal, o mundo secular abriga inúmeras expressões que não são cristãs.

Embora *Psicobaboseira* possa representar uma alternativa de compreensão do humano na esfera do aconselhamento bíblico, no que diz respeito à Psicologia enquanto área científica e produção de conhecimento – sobretudo na clínica – a obra oferece poucas contribuições efetivas; se as críticas e propostas do autor são levadas a termo, parece que a única assertividade da obra, nesse sentido, é o seu título.

REFERÊNCIAS

CALIA, Ararê Dias. Psicologia e Umbanda(s): a clínica, a formação e as possíveis interlocuções de saberes. 2024. 601 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

CALIA, Ararê Dias. Entre a egéria e o amaci: a clínica como espaço de cuidado com religiões não hegemônicas. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. III Prêmio Jonathas Salathiel de Psicologia e Relações Raciais: catálogo de obras vencedoras. 1. ed. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2025, p. 158–177.

CALIA, Ararê Dias; BASSANI, Marlise Aparecida. Psicologia e Umbanda(s): revisão de escopo das teses e dissertações brasileiras. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, Prêmio Aidyl Macedo de Queiroz Pérez-Ramos. São Paulo, v. 45, pp. 232–247, 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Resolução CFP nº 010, de 21 de julho de 2005. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2005.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996. v. 14, p. 15-73

GANZ, Richard L. PsicoBaboseira. PsicoBaboseira. São Paulo: Éden Publicações, 2024.

ULTRAMARI, Clovis; JAZAR, Márcia Maria. Sobre resenhas científicas. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 32, n. 2, p. 381–386, 2015.